

(RE)CONSTRUINDO A PESQUISA ATRAVÉS DO TRABALHO DE CAMPO

PIERRE CHAGAS¹; LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – pierreschagas@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho integra uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt/UFPel) que visa trazer para discussão a cidade que se evidencia através das imagens e imaginários nas séries de cartões-postais do “Dia do Patrimônio – Pelotas/RS”. As séries são compostas por narrativas muitas vezes dissonantes do restante das ações do evento, que buscam dialogar com a perspectiva “plural” do patrimônio local, trazendo para o centro da discussão a cidade que está em disputa quanto à seleção de narrativas específicas sobre Pelotas. O “Dia do Patrimônio” é construído sobre a perspectiva de descentralização do “conceito de patrimônio” abarcando historicidades e contextos diversos (ou porque não dizer silenciados) sobre a narrativa de cidade de Pelotas. Desse modo, o evento conta com inúmeras ações: educação patrimonial, atividades propostas por associações e artistas independentes, os cartões-postais, a formação dos “Agentes do Dia do Patrimônio”, a Revista do Dia do Patrimônio e as “Conversas do Dia do Patrimônio”¹. É a partir das “Conversas” que eu começo a jornada etnográfica, compreender o meu campo pela lente antropológica e desromantizar o meu universo de estudo.

Vale ressaltar que o universo “Dia do Patrimônio” já fazia parte do meu itinerário de pesquisa enquanto turismólogo. Logo, vivenciar “antropologicamente” esse contexto, trouxe conflitos para (re)pensar as categorias cidade, imagem e imaginário para a minha pesquisa. Para esta comunicação, trago uma reflexão de como o trabalho de campo reconstruiu a minha percepção sobre o universo de estudo, em especial, como a experiência de campo desconstruiu o meu olhar “romântico” sobre o “Dia do Patrimônio”. O evento no ano de 2019, trouxe como temática “Etno Cidade Pelotas” buscando “brincar” com os grupos que moldaram, e ainda moldam, a cidade de Pelotas. Assim, as “Conversas do Dia do Patrimônio” foram pontuais para entender a construção das categorias cidade, patrimônio e “cultura” pela SECULT.

2. METODOLOGIA

Roberto Cardoso de Oliveira (2000) acentua que talvez a primeira experiência do pesquisador de campo esteja na domesticação teórica do seu olhar, socializando que ao sentirmos que estamos preparados para a investigação empírica, nosso “objeto” já sofreu um processo de resignificação e “já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 19). Válido trazermos a contribuição de Mariza Peirano

¹ Interessante ressaltar que as Conversas são direcionadas para “sensibilizar” e “preparar” a equipe gestora sobre a temática vigente do evento. Comunidade em geral é convidada a participar, porém percebe-se uma baixa adesão em função do horário selecionado para a ação. Como resultado dessas Conversas, temos a “Revista do Dia do Patrimônio” composta por textos dos “conversantes”.

(2014) em “Etnografia não é método”, em que a autora solidifica que o fazer etnográfico não se constitui de maneira isolada, como se nossos contextos de pesquisa fossem imutáveis e que devemos, a partir da experiência de campo, (re)construir nossas inquietudes iniciais buscando compreender os fenômenos em destaque em sua pluralidade.

A etnografia afirma-se em descrever trajetórias, pessoas e saberes: é a grafia que perpassa pelo nosso olhar em direção ao Outro. Rocha e Eckert (2003) acentuam que o etnógrafo, tradicionalmente, descreve em seus diários de campo “seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva” (ROCHA; ECKERT, 2013).

O trabalho de campo se deu a partir das “Conversas do Dia do Patrimônio”, realizadas de junho a agosto de 2019, com as seguintes pautas: A imigração Judaica em Pelotas; A maçonaria em Pelotas; Cozinha e seus sujeitos: mais do que pitadas; A cidade e seus graffiti: arte urbana em Pelotas; Os imigrantes alemães e a cidade de Pelotas; O protagonismo do radialista como sobrevivente das mídias; Imigração e identidade Palestina em Pelotas; Etno Cidade: O imigrante português na construção social pelotense (século XX); e por fim Kanimambo e outras resistências senegalesas em Pelotas. Alguns dos encontros foram realizados no Casarão 3 e outros no Casarão 2 (onde se localiza a SECULT), com início às 17 horas e término às 18h.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As “Conversas do Dia do Patrimônio” são pensadas para “preparar a cidade” para o evento e conforme o relato de um dos colaboradores “serve para sensibilizar a equipe da SECULT e aproximar a comunidade da discussão” (DIÁRIO DE CAMPO, 12/6/2019). Com o tema “Etno Cidade Pelotas” as conversas giraram em torno da constituição do território e os grupos que formaram o que hoje “entendemos” como a cidade de Pelotas.

O conflito que se evidencia com as “Conversas” é a ausência do público-alvo da ação: os/as colaboradores/as da SECULT. A ação se organiza em horário de expediente para que todos/as possam se fazer presentes e participar das discussões, fato que se não se confirma, “hoje a conversa conta com a presença de três colaboradores da SECULT (...) um está sentado nas últimas fileiras com o olhar atento à “conversante”², outro se encontra junto à porta, em pé, e prestando atenção na fala; o terceiro colaborador está incansavelmente mexendo no celular e com uma feição exausta” (DIÁRIO DE CAMPO, 10/7/2019). A partir dessa observação, inquietudes referentes a quem se busca atingir com a ação efetivamente e o papel dos agentes do Estado no campo da cultura emergiram através dessa experiência etnográfica. A comunidade em geral se fez presente durante as “Conversas”, mesmo com o horário comercial escolhido para a atividade: “Hoje a sala, inesperadamente, está cheia. Minha amiga Didi está comigo, tomamos um café e trocamos uma ideia antes da ‘Conversa’. Apenas um colaborador da SECULT está presente. Familiares e amigos estão felizes em presenciar a fala do ‘conhecido’. Em torno de doze pessoas ocupam os assentos e não tiram o foco dos ‘conversantes’” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/9/2019).

Esse fato serviu como base, para que o ponta pé inicial aguçasse meu “olhar, ouvir e escrever” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000), para que, na prática,

² Termo designado, pela própria SECULT, para os/as ministrantes das “Conversas”. Conforme relato do colaborador “o termo serve exatamente para trazer um tom mais impessoal para o diálogo” (DIÁRIO DE CAMPO, 19/6/2019)

eu fosse ressignificando a minha relação com o campo. Como bem nos colocou Cardoso de Oliveira (2000) sobre as referências teóricas, inserção em campo e a domesticação do olhar, as “Conversas” serviram de base para compreender a importância que a equipe gestora designa para esse espaço de discussão. Afinal, são esses/as colaboradores/as que irão pensar, organizar e selecionar as representações imagéticas dos cartões-postais e que deveriam utilizar desse espaço para relativizar a construção desse acervo de referências. E digo isso, por experiência de campo, que as conversas acompanham a perspectiva de “descentralização” ao trazer para o debate reflexões pertinentes sobre a narrativa de Pelotas e suas contradições.

Com a pauta “Cozinha e seus sujeitos: mais do que pitadas”, um colaborador da SECULT acentua: “o caráter das ‘Conversas’ também abarca outras historicidades sobre a cidade de Pelotas, outros sujeitos que compõem a ‘etnicidade’ em Pelotas” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/6/2019). Essa fala serviu para dar início a rodada que trouxe para discussão a gastronomia afro-brasileira, a cozinha enquanto espaço de significados e os sujeitos que ocupam esse espaço. “(...) Senti a felicidade dos alunos e da professora que apresentaram os outros significados que a cozinha traz através das pessoas e suas histórias (...) Um dos ‘conversantes’ fala sobre o lugar que ocupa na sociedade sendo negro e sobre a ‘cozinha negra’ que tentam apagar: ‘por que nossa cultura não pode ser vendida?’; ‘por que Pelotas não conta a sua história?’; ‘dos portugueses temos herança e dos africanos temos contribuição?’ se referindo a Pelotas por não valorizar a gastronomia afro-brasileira como referência. A maioria dos colaboradores da SECULT chegaram do meio para o final da discussão e não puderam ouvir essa contribuição inicial que achei pontual para pensar a narrativa de cidade de Pelotas, até por uma questão turística através da ‘patrimonialização dos doces’ (...) Gostaria de deixar registrado a alegria de uma das ‘conversantes’ por estar trazendo para discussão a cultura negra e doceira ‘eu vejo negro em todo lugar... coisa que eu não via quando menina’. A ‘conversante’ fala que ‘é difícil ter a oportunidade de falar sobre o tema da tradição negra na gastronomia’ e questiona o público porque o negro não é ressaltado dentro do patrimônio imaterial que é o saber doceiro. Nesse momento o silêncio ganha vez e o meu senso antropológico é ativado: ‘onde está boa parte da equipe SECULT?’; ‘e se essa roda de conversa estivesse sendo realizada num bairro, esse silêncio também aconteceria?’; ‘por que não há uma extensão desses diálogos para a rede pública de ensino, afinal são eles o público-alvo da educação patrimonial’” (DIÁRIO DE CAMPO, 26/6/2019).

A partir desse relato de campo visualizamos como a categoria “patrimônio”, através das “Conversas”, questiona o discurso de “cidade” e “cultura” diante desse espaço cedido pela SECULT. É válido pensarmos nas “Conversas” como um momento de aproximação da comunidade e órgão público sobre o que seja “patrimônio” e seus significados para o social. O que se evidencia é como a partir da reflexão coletiva se coloca em perspectiva a narrativa negligenciada do acervo de “referências” de Pelotas e que, na prática, deveria reconstruir a percepção dos/as colaboradores/as sobre a importância do “Dia do Patrimônio” como espaço para esses debates. Utilizo do futuro do pretérito ao me referir ao posicionamento da SECULT frente às discussões das “Conversas”, tendo em vista o panorama que os cartões-postais da “Etno Cidade Pelotas” nos evidencia: apatia e incoerência na seleção das imagens. Se de um lado temos esse tipo de debate, do outro temos um evento que enaltece a história charqueadora e passado opulente e pincela, na educação patrimonial, a presença negra na constituição identitária de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Como citado o “Dia do Patrimônio” se constitui a partir de ações diversas que buscam compreender e dinamizar o “conceito” de patrimônio em sua totalidade. As “Conversas do Dia do Patrimônio” impulsionam e traduzem o que será tecido para o debate do evento, a “Revista do Dia do Patrimônio” abarca as discussões das “Conversas” e teria o caráter de se relacionar com os cartões-postais, afinal seriam essas discussões que deveriam aguçar o senso crítico da equipe SECULT para pensar essas narrativas de Pelotas. Já a “Formação de Agentes do Dia do Patrimônio” assume o fim de treinar os voluntários que serão os mediadores³ do evento, mas que, de maneira contraditória, acaba por fixar a narrativa centralizada de cidade de Pelotas indo na contramão das discussões do evento. Ponderar tais contradições, através da experiência etnográfica, se afirmam para exemplificar que a “Etnocidade” construída através das “Conversas” poderia contribuir para que as imagens dos cartões-postais fossem pensadas levando em consideração a pluralidade que os debates carregaram em si.

Através da experiência etnográfica se observa como, na prática, o trabalho de campo acaba por (re)construir o nosso olhar sobre o universo de estudo, principalmente quando o/a pesquisador/a é oriundo de outra área do conhecimento. O tornar-se antropólogo/a certamente está atrelado a vivenciar os conflitos expressos no trabalho de campo e na constância de ressignificar e compreender o contexto de pesquisa sob sua especificidade. É sobre a perspectiva do trabalho de campo, de forma significativa, que um novo olhar sobre a pesquisa emerge.

Com esse exercício etnográfico, foi possível identificar que as ações do “Dia do Patrimônio” não se conectam entre si, aquecendo o debate sobre como a própria equipe se relaciona com as ações do evento, quem são os grupos selecionados para traduzir a “Etno Cidade Pelotas”, como a equipe SECULT preza consolidar essa política pública no campo do patrimônio e como os/as gestores/as do evento articulam as imagens e imaginários dos cartões-postais. Questionamentos esses que só foram possíveis através do trabalho de campo e que sem dúvida é só o início da minha jornada enquanto antropólogo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, R.. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PEIRANO, M.. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C.. **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

³ São os “Agentes do Patrimônio” que recebem e mediam as visitas durante o evento.